

OS ANÔNIMOS

Cidadãos comuns inventam, cada um a seu modo, um jeito singular de viver em Brasília. Seja cuidando dos mortos, observando os vivos ou bem perto do Presidente da República, eles fazem deste lugar uma cidade

Conceição Freitas
da equipe do Correio

Carlos Vieira



DEPOIS DAS DEZ E MEIA DA NOITE, O PLANO PILOTO ANDA NU À PROCURA DO PIJAMA. QUEM PASSA PELA L-2 NORTE E SUL, DE DENTRO DE UM ÔNIBUS URBANO PODE FLAGRAR OS CORPOS DESPIDOS QUE SE REVELAM PELOS JANELÕES DOS APARTAMENTOS. AS LUZES ESTÃO ACESSAS E AS CORTINAS ESCANCARADAS. QUEM ESTÁ DE FORA, VÊ TUDO; QUEM ESTÁ DE DENTRO, NÃO SE IMAGINA VISTO.

A vida urbana, anônima, familiar e de classe média se reencontra à noite nos apartamentos da L-2, diante de espectadores involuntários — passageiros, cobradores e motoristas de ônibus. O motorista do Grande Circular Jason Pereira Braga, 46 anos, já passou mais de 20 mil vezes pela L-2 e W-3 nos 15 anos em que está na única linha de ônibus que percorre as duas asas de Lúcio Costa.

Ele se lembra que, dia desses, a polícia ter sido chamada porque algumas moças estariam fazendo *strip-tease* em apartamentos no final da 700 Norte.

Quando sai para a sua última corrida da noite, às 22h23, Jason leva no bolso uma balinha. Outras nove já foram consumidas nos quatro percursos anteriores. O doce o ajuda a vencer os 30,5 quilômetros e 64 pontos de ônibus em duas retas unidas por duas curvas. “Só dá pra ir de terceira e quarta”, reclama Jason, para quem a linha do Grande Circular é uma das mais estafantes de Brasília pela proximidade dos pontos de ônibus.

Quem andou de Grande Circular, na segunda-feira passada, entre 22h23 e 23h05, pôde ver duas mulheres de costas, nuas da cintura para cima, três mulheres falando ao telefone, um homem falando ao telefone, uma criança debruçada sobre uma mesa e muitos — muitos — aparelhos de televisão ligados sem que ninguém estivesse sentado diante deles.

Dona Lia Horta, 61 anos, mora num apartamento da 302 Sul, longe dos olhares voyeuristas que às vezes andam de ônibus. Voluntária da Paróquia de Dom Bosco, dona Lia não corre o risco de ser desvendada na janela. A funcionária pública desvenda, isso sim, a luminosidade do mais suntuoso lustre de Brasília, o do Santuário Dom Bosco.

JUNTOS PORÉM SEPARADOS

O CASAL NAPOLEÃO E MÁRCIA MORA JUNTO, MAS EM APARTAMENTOS VIZINHOS. ELE COME E DORME NO 210, ELA OUVI MÚSICA, APRECIA OBRAS DE ARTE E SONHA NO 209. VIVEM UM ROMANCE DIFERENTE NO FINAL DA ASA NORTE

A cada ano, dona Lia e um grupo de paroquianas das 300 e das 700 Sul montam um imenso tabuleiro, compram dezenas de caixas de sabão em pó e se juntam para lavar o lustre de cinco metros de diâmetro. São três dias de trabalho. Cada uma das 7,5 mil peças de vidro do lustre passa por duas águas de sabão e é enxaguada duas vezes e depois posta ao sol para secar.

Para que nunca viu o lustre limpo, ele é esplendoroso de qualquer jeito. “Quem o conhece sabe quando ele está sujo”. Nesse 21 de abril, a peça mais iluminada do patrimônio cultural de Brasília está opaca de poeira. As paroquianas esperam o fim da reforma do prédio para limpar o lustre.

Mas a Igreja Dom Bosco não se deixa abater. Quando chega a tarde, o sol se reflete nos vitrais que contornam a nave. “Parece que estão se acendendo as lâmpadas do céu”, compara dona Lia. As doze tonalidades do azul, em vidros recortados

como uma colcha de retalhos, se projetam dentro da nave e tudo parece celestial.

A PRAÇA DOS TRÊS SORVETES

Se o céu não é aqui, o Palácio do Planalto fica há menos de cem metros do carrinho de sorvete de Manoel Dantas da Silva, 56 anos, o mais antigo ambulante da Praça dos Três Poderes.

“Esses presidentes não me interessam”, é o que ele diz para quem quer saber como é de perto Fernando Henrique Cardoso e como eram Itamar, Collor, Sarney, Figueiredo, Geisel e Médici, os presidentes que passaram pelo Planalto enquanto Manoel vendia picolé e sorvete da Gelato, Kibon e Yopa.

Os gelados de Manoel chegaram à Praça dos Três Poderes antes da democracia e, ao contrário do que aconteceu com a grande imprensa, não se impressionaram com a fanfarronice de Fernando Collor e as histriônicas descidas de rampa. “O pessoal gravava muito o Collor, mas antes dele os presidentes já faziam isso”, lembra-se Manoel.

No meio da tarde, os batedores anunciam a saída do Presidente. Manoel não se mexe nem vira o rosto; para ele, é um barulho a mais. O sorveteiro está acostumado ao poder. Ele não anda gostando do movimento fraco à porta do Palácio do Planalto. “Antes vinha gente toda tarde. Isso aqui era ônibus pra todo lado, muito estrangeiro. Agora, vem pouca gente, muito evangélico, e ninguém quer mais sorvete”, reclama Manoel.

Pior é a situação dos pombos da Praça dos Três Poderes. Devem ser as únicas aves que têm casa assinada por um dos maiores arquitetos do mundo contemporâneo, Oscar Niemeyer. O pombal em forma de

pregador de roupa foi construído a pedido de dona Eloá, mulher do presidente Jânio Quadros. Mas os moradores não têm milho, a não ser as pipocas atiradas pelos turistas.

Há mais de dez anos, calcula Manoel, a Fundação Zoobotânica não leva milho para os pombos da praça. “Eles estão diminuindo, só não foram todos embora por causa dos turistas que jogam pipoca e da grama ali”. O gramado dos fundos do Congresso Nacional parece alimentar de alguma forma os pombos, mas logo eles atravessam a pista e voltam a sobrevoar a cabeça de JK desenhada na pedra.

O sorveteiro que às vezes leva para casa menos de R\$ 15,00 é um vencedor. A filha é formada em geografia, um dos filhos é sargento do Corpo de Bombeiros e o outro é segurança do Itamaraty. “O filho se enraiza quando é pequeno”, ensina

O VERDE MAIS VISTOSO DE BRASÍLIA NÃO ESTÁ NA ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS NEM NO PARQUE DA CIDADE, E SIM NUM CAMPO DE GOLFE

o vendedor de picolé.

Quem vê o homem de cabelo pixaim grisalho e boné enfiado na cabeça não supõe o que pode sair dali: “O caminho da vida começa bem estreitinho e vai se alargando”, diz Manoel a quem quiser ouvi-lo e, claro, se disponha a comprar um sorvete de papaya com cassis, o mais caro: R\$ 2.

ENTRE TACOS E VERDES VISTOSOS

O verde mais vistoso de Brasília não está na Esplanada dos Ministé-

rios nem no Parque da Cidade, muito menos na Água Mineral. Está num campo silencioso e verdejante onde só costumam ir 180 ilustres cidadãos, 80% deles estrangeiros, muitos diplomatas, uma fila de embaixadores. Há uma mulher, Beth Shimura, que também frequenta esse paraíso de 730 mil metros quadrados, de topografia irregular e muitas árvores. Ela e os outros 179 cidadãos praticam golfe, esporte de ricos.

A geografia da cidade onde mora Beth Shimura, idade que ela prefere não revelar, compreende dois endereços: o Clube de Golfe e a casa dela, no Lago Norte. No clube, ela passa as tardes caminhando pela grama, seguida pelos *cadies*, adolescentes que levam a sacola com os tacos. “É preciso muita concentração”, diz Beth. Gasta-se até quatro horas para finalizar uma partida de golfe onde,

segundo o capitão do clube, José Oliveira Filho, o grande adversário é o campo.

Beth Shimura, viúva de importante funcionário público do Banco do

Brasil, poderia morar onde quisesse. “Aqui somos só eu e meus dois filhos”, diz ela. Os parentes estão em São Paulo, cidade para a qual não mudaria. “Lá, a gente tem que andar segurando a bolsa”. Poderia ir para a praia. “Já pensei, mas praia enjoa”.

Entre a metrópole e a praia existe Brasília, onde ela tem amigos e onde é possível reuni-los em karaokês, jogos de cartas, jantares, aniversários, festas em geral. “Em São Paulo, todo mundo mora muito longe. Na minha rua (no Lago Norte) eu conheço todos os vizinhos. Parece que moramos numa cidade do interior”. Houve um tempo em que ela e o

marido — como até hoje fazem os muito ricos do cerrado — iam jantar em São Paulo.

Beth é uma mulher bem-cuidada, dona de uma Mercedes Benz, e que gosta de fazer reuniões beneficentes para conseguir flanelas que são entregues a uma creche da Ceilândia. Ela não gosta de fazer compras em supermercado — prefere que os empregados o façam — e diz não ter grandes apreços por vitrines e shoppings. A Brasília inventada por Lúcio Costa cabe direitinho na vida de Beth Shimura.

O Plano Piloto é pequeno demais para a cabeleireira Rita Praxedes Pereira, 41 anos. Ela é ultramaratonista amadora — corre de 30 a 40 quilômetros por dia, 100 nas competições. Para dar conta de um único treino, ela vai e volta pelo Eixão Norte e Sul. E espicha o percurso dando a volta no Jardim Zoológico, no Parque da Cidade, quando não indo de Taguatinga a Brasília.

Nos dias em que treina fora do Plano Piloto, Rita sente-se mais à vontade. Os motoristas de caminhão, em especial os das grandes carretas, costumam reverenciar a passagem da atleta. “Eles se afastam da beira da pista, deixam a gente correr sem medo, me sinto segura”. Os motoristas dos carrões que se exibem pelo Plano Piloto estão longe dessa gentileza.

A cabeleireira pensava em suicídio numa manhã do verão de 1981. Disse aos cinco filhos que ia dar uma volta e saiu de casa sem rumo. Andou até resfolegar-se. “Eu estava suando, a grama verde, bonita, e aí veio a inspiração. Eu quero viver”. Voltou para casa, tomou banho e foi fazer o almoço. No dia seguinte, ela andou novamente, quatro dias depois, trotava, uma semana e estava correndo.

Eram poucas as pessoas que corriam pelas ruas de Brasília, raríssimas as que andavam. “Quando eu passava, diziam ‘lá vem a doida’”.



PRIVILÉGIO AO ENTARDECER

BETH SHIMURA JOGA GOLFE QUASE TODAS AS TARDES DIAS NUM CLUBE ONDE SÓ 240 PRIVILEGIADOS SÓCIOS SE DIVERTEM

Dezesseis anos depois, outros milhares de 'malucos' juntaram-se a Rita à margem do asfalto, nos canteiros e nas pistas de corrida. "Fico feliz quando vejo o Parque da Cidade lotado", diz a atleta que nunca ganhou uma corrida mas já tomou uma decisão: "Quero morrer na pista".

UNIVERSITÁRIOS ABREM CADÁVERES

Todos os dias, um grupo de 27 universitários se revezam na tarefa de lavar, abrir e fechar cadáveres vítimas de morte violenta. São os auxiliares de necrópsia do Instituto de Medicina Legal, que venceram 15 mil candidatos, há dois anos. Exigia-se o 1º grau, mas a maioria dos aprovados era estudante de 3º grau, como Cristiane Ribeiro da Silva, 22 anos, recém-formada em Administração.

Cristiane corta cadáveres cinco vezes por mês, em plantões de 24 por 120 horas. Pela tarefa de pôr a mão na morte, ela e seus colegas ganham R\$ 350,00 por mês. Mas o pior nem é tanto o salário putrefato ou o cheiro ao mesmo tempo ácido e podre da sala de necrópsia.

O pior de trabalhar no IML são as perguntas de quem está do lado de fora e descobre — numa mesa de bar, por exemplo — que o interlocutor corta cadáveres. "Perguntam se eu como carne vermelha, se eu durmo direito, se o cheiro não é muito ruim". Cristina às vezes come carne, dorme normalmente, não sente o odor estranho e não tem medo de fantasma. O noivo a acha muito corajosa.

A primeira necrópsia de Cristiane foi num menino de dois anos. A criança havia morrido de A morte tão cedo comoveu Cristiane e perturba a todos os que trabalham na grande sala refrigerada onde os corpos esperam a hora de serem dissecados. "Quando chega uma criança, todo mundo fica triste", diz Cristiane.

Os corpos adultos são autopsiados com a mesma indiferença com que os médicos destrincham um doente. Conversa-se como num escritório, fala-se do assunto do dia, do ônibus que atrasou ou do programa para o fim-de-semana. A morte, no entanto, não passa impune. "A gente presta mais atenção na beleza, dá mais valor a cada minuto, vê a preciosidade deste mundo". Tudo isso os mortos já ensinaram a Cristiane nesse pouco tempo de convívio.

TERNOS QUE GUARDAM CARROS

O mais elegante guardador de carros de Brasília tem cinco ternos cuidadosamente pendurados no guarda-roupa de uma modesta casa do Parque Estrela D'Alva, perto de Luziânia. Abotoa a camisa até o pescoço, superpõe um colete de crochê e termina invariavelmente num terno meio desbotado.

Todo o guarda-roupa de Agenor Alexandrino Bonfim, 65 anos, é fruto de doação dos fregueses de um dos estacionamentos do Conjunto Nacional, onde cuida de carros desde 1971. O apito pendurado no pescoço o ajuda a sinalizar entradas e saídas de veículos. "Pode vir, minha freguesa. Tranquilo, devargazinho, vai virando, segura".

Velhinho, como Agenor é conhecido, vigia quatro fileiras de carro do estacionamento em frente à Onogás. Ele não diz, mas domina boa parte da área com a ajuda de adolescentes. *Velhinho* chega ao trabalho às 9h e antes das 15h vai para casa. Leva, em média, R\$ 15,00, quantia que ao fim de 26 anos de trabalho lhe possibilitou um barraco de tijolo num lote a 50 quilômetros do Plano Piloto.

Isso porque *Velhinho* nunca se permitiu fazer compras em quaisquer das lojas do Conjunto Nacional, à exceção do supermercado e da lanchonete onde, todos os dias, come um cachorro-quente e um copo de leite. Ele não reclama de não ter tido chance de comprar uma geladeira a prestação. Pelo contrário, agradece a "esta grande cidade e a Juscelino Kubitschek" pelo pouco que conseguiu.

"Vamos lá, patrão, vai lá e acerta. Não brinca, não dorme e não senta. Vamos lá, arruma ele agora", vai repetindo o guardador de carro ao motorista que tira o carro da vaga e sai sem deixar a moeda sagrada. "Não é por isso que vou me zangar", diz ele.

COMPANHEIROS DE FEIJÃO E SONHO

A cidade moderna abriga um casal igualmente moderno. Napoleão Marcos de Aquino, 46 anos, e Márcia Csik, 40, estão juntos há cinco anos, ele no apartamento 209, ela, no 210, uma porta em frente à outra. Eles têm uma única empregada, um único fogão e uma única máquina de lavar.

São esses os três serviços em comum.

"Os amigos costumam dizer que minha casa é o feijão e a de Marcos é o sonho", diz Márcia. No feijão tem almoço e jantar todos os dias. No sonho, tem coleções de arte erótica, centenas de CDs, livros de arte, esculturas em pedra sabão. À exceção das noites em que estão brigados ou que Marcos bebeu mais um pouco, o casal dorme na casa de Márcia.

O casal não tem e nem pensa em construir um patrimônio em comum; não existe conta conjunta nem nenhum deles se preocupa em analisar o contracheque do outro. "Se um dia a gente quiser comprar um patrimônio, será como numa sociedade", explica Márcia, professora de matemática.

Eles não se casaram, mas consideram-se marido e mulher ou, como preferem, "companheiros". Napoleão vem de três casamentos, Márcia, de um. Eles ainda não têm filhos comuns, mas pensam em adotar uma criança. O que não inviabilizará o projeto de casamento em casas separadas, como Sartre e Simone. Essa opção "te permite respirar", avalia Napoleão, assessor do Ministério da Saúde, artista plástico e colecionador de arte erótica.

Para o encarregado da limpeza do Zôo, José Francisco de Oliveira, 51 anos, Brasília inspira samba e pagode. A cidade é uma "arquitetura encantada, maravilha planejada", diz Oliveira num samba-exaltação aos 37 anos da capital. Compositor, puxador de samba e pagodeiro desde os tempos de Botafogo, no Rio, Oliveira tinha uma ambição. "Tinha sonho de trabalhar para o governo".

Há cinco anos, ele é funcionário público, como queria. Emprego que lhe permite chegar em casa antes das sete da noite para sentar-se diante da máquina de escrever Olivetti, do gravador Panasonic, da caneta e do papel para compor seus sambas.

Jota Mocidade, pseudônimo com o qual se inscreveu na Associação Nacional de Compositores e Intérpretes de Música, tem um dicionário Aurélio dos grandes. "A música exige a cultura senão fica boi com abóbora", ensina. "Boi com abóbora", no palavrado do samba, é música malfeita.

Do dicionário, ele tira as palavras "diferentes" para compor a rima de seus versos. Como os seguintes que Jota Mocidade guarda para Roberto Carlos gravá-los: "Quisera que o homem parasse e ao menos pensasse antes de fazer coisas tão absurdas que nem eu nem ninguém mais consegue entender".



DUPLA PERSONALIDADE

DE DIA, ELE É OLIVEIRA, O ENCARREGADO DA LIMPEZA DO ZOOLOGICO. DE NOITE, É O PAGODEIRO JOTA MOCIDADE